

Cultura Permanente

Categories : [Reportagens](#)

Brasília, 2004. Alguma coisa está para acontecer. Estão todos dentro de casa, esperando. Não há mais para onde a cidade inchar. Um paiol divide espaço com o fogo da estiagem no domínio do entorno do Plano Piloto. A violência explode. Uma das maiores expressões do urbanismo moderno, Brasília não suporta mais novos sonhos. É daqui um dos maiores índices de desemprego do país. Com relação ao meio ambiente, o Distrito Federal apresenta indicadores típicos de degradação ambiental semelhantes aos de grandes centros urbanos do Brasil. A explosão de favelas e a desruralização do entorno trouxe ao Distrito Federal o bronze entre as unidades da federação com o maior nível de comprometimento do abastecimento de água, perdendo apenas para Pernambuco e Paraíba.

A água está suja. E do Planalto Central desce para o Brasil. Contra a agricultura predatória não há barreiras. A WWF estima que 90% das nascentes do Distrito Federal estão comprometidas por agrotóxicos ou por lixo. Das 25 áreas rurais estabelecidas durante a consolidação da capital para o suprimento de alimentos e sustentabilidade local, apenas seis apresentam hoje explorações agrícolas significativas. As outras, parceladas e vendidas pelas próprias autoridades que legalizam vendas de terras públicas, se converteram em espaços exclusivamente residenciais sem infraestrutura. A capital está insustentável, precocemente. Mas as autoridades se recusam a assumir a crise ambiental como uma questão ética e política.

Mas há uma saída. Chama-se Permacultura. Guarde esta palavra. É a partir dela que começa a contagem regressiva para o resgate da qualidade de vida tanto na cidade como no campo. É ela o elo entre a degradação urbana, irremediável, e o recomeço possível, saudável, sem truques. A Cultura Permanente, ou Permacultura, nunca foi um projeto utópico. Foi preciso alcançar um limite, na brutalidade contemporânea, para que a última tentativa, antes da perda total da consciência, fosse posta em prática.

A Permacultura, um conceito complexo que inclui a consciência individual de impacto ambiental, da dignidade de seres humanos e da convivência racional com a natureza, passando pelo lixo que cada um produz, até um amplo resgate de qualidade de vida, já funciona para muitas pessoas. Passo a passo, ela está trazendo a produção de alimentos e a eficiência energética para os espaços urbanos e periurbanos. Uma nova lógica foi instalada em alguns pontos da cidade para converter problemas em soluções e mostrar que é possível conquistar níveis de sustentabilidade sem a ajuda das autoridades, por meio de iniciativas pessoais, familiares ou comunitárias, que estão estendendo esta influência para outras comunidades.

André Miccolis, consultor em permacultura e sistemas agroflorestais e dono da chácara Jardim das Pedras, vive um projeto ousado e real de Permacultura. Ele elaborou um Plano de Uso e Gestão Ambiental para a chácara que inclui construções de adobe com reaproveitamento e

reciclagem de materiais e a recuperação de áreas degradadas por meio de sistema agroflorestais e da preservação da vegetação nativa. A chácara desenvolve atividades como a produção de mudas, compostagem, criação de galinhas caipiras e reaproveitamento das águas cinzas na irrigação. A interação com a comunidade acontece por meio de visitas públicas, na área que tem uma cachoeira perene e atividades de educação ambiental. Lá, os visitantes podem participar de iniciativas em defesa ao meio ambiente. A própria visita gera renda. As práticas adotadas na propriedade vêm solucionando alguns problemas típicos da região: áreas degradadas, desmatamento, queimadas, solos ácidos e de baixa fertilidade, erosão e assoreamento dos córregos. Como o reaproveitamento é grande, gasta-se muito menos para a manutenção das atividades.

Na agrofloresta da família Miccolis existe um consórcio de espécies de árvores nativas e frutíferas de vários estratos e ciclos, começando com pioneiras rústicas como, por exemplo, capim elefante e flor de mel, banana, amora, bambu, abacaxi e algumas leguminosas. As hortaliças e as raízes são plantadas no início do sistema agroflorestal, mas são cultivadas principalmente em canteiros feitos em terraços das áreas em declive e integrados ao galinheiro. O Jardim nas Pedras constitui-se hoje numa unidade que conseguiu reduzir a incidência de pragas e doenças, como formigas cortadeiras e cupins, devido à diversidade do sistema e ao aumento da fertilidade do solo. Entre pedras e cascalhos, este pequeno santuário em formação serve de reduto para a fauna local e de moradia saudável para as três famílias residentes de uma ecovila em desenvolvimento. Este projeto demonstra que é possível morar em áreas de interesse ambiental cooperando com a natureza.

A 25km do Plano Piloto de Brasília, a família do permacultor e engenheiro florestal Cláudio Jacintho logrou conservar quatro hectares de Cerrado denso numa área tomada por condomínios de classe média. No ano 2000, foi dado início ao trabalho de observação e coleta de informação que precederam ao desenho desejado para a propriedade. O primeiro grande desafio foi a indisponibilidade de água. O design previu então um sistema para captação da água de chuva que escorre dos telhados e uma estrutura inovadora para captar da estrada mais próxima um milhão de litros de água durante a estação chuvosa. Hoje, a capacidade de armazenamento é de 110 mil litros, devendo atingir o ápice em cinco anos com a construção de mais 10 tanques de ferrocimento.

Para a construção de um pequeno sobrado, a família quis aproveitar ao máximo os recursos da chácara. Edificou uma estrutura de madeira de árvores nativas e construiu paredes com a terra dali valendo-se da combinação de duas técnicas, o ferrocimento e o solocimento. Tudo isso garantiu à obra um baixo custo na ordem de R\$110,00/m², a beleza rústica, a organicidade da forma e o conforto térmico. Além da baixa demanda energética, vale destacar que a sede da chácara conta também com sanitário compostável. Está pronto o modelo de moradia a partir do qual está sendo construída uma ecovila familiar. O cultivo da terra, ainda em fase inicial, conta com duas hortas mandalas, de cooperação entre culturas, de 40m² e uma agrofloresta de 2.500m² de onde provém parte da alimentação da família (folhas, raízes e grãos). O desenho da chácara inclui também o cultivo de cogumelo orgânico, a produção de mudas e de húmus de minhoca.

Recentemente, a chácara Asa Branca vem sobressaindo-se pela realização de vivências com grupos estudantis e de cursos modulares de permacultura. Em breve, essas atividades educacionais serão executadas por uma instituição que está sendo criada, segundo Cláudio Jacintho, dono da chácara, “para ser uma grande escola dedicada à Cultura Permanente”.